

Com milhares de quilómetros percorridos em Moçambique nestes últimos quinze anos, conduzindo por picadas e por boas e más estradas asfaltadas, faltava-me realizar um sonho: atravessar o Zambeze sem ser pela ponte de Tete ou, claro, de avião.

Um convite para assistir a importantes festividades hindus na Ilha de Moçambique (revista Índico no. 47) foi o mote. Por que não fazer a ligação Maputo – Ilha no meu carro de todos os dias, o meu SUV Znen? Pensado e decidido.

Consciente de que a viagem seria um passeio e não uma aventura, interroguei a minha companheira Isabel na manhã de Natal: “E se fossemos até à Ilha de Moçambique de carro?”. Vinte e quatro horas mais tarde, a 26 de Dezembro, o Znen pôs-se a caminho. Dias antes, a Autovisa tinha feito a revisão dos 10 mil quilómetros e o carro estava portanto pronto a “levantar ferro”. Nada de geleira, jarricãs de gasolina ou reservas alimentares. Diferente de um fim-de-semana na

Namaacha, só uma malinha maior para as mudas de roupa. Itinerário e calendário determinados: seguir até Monapo



(a 50km da Ilha), desviar em Nicoadala para a noite de fim do ano ser passada com amigos em Quelimane (a 120km) e chegar à Ilha de Moçambique a tempo das homenagens a Lord Shiva que se iniciavam a 8 de Janeiro. No resto nada de road-books a cumprir. Deixar o Znen correr ao sabor das espreitadelas ao mapa, informar-me sobre reabastecimentos de gasolina onde pernoitar em instalações hoteleiras condignas. Foi tudo.

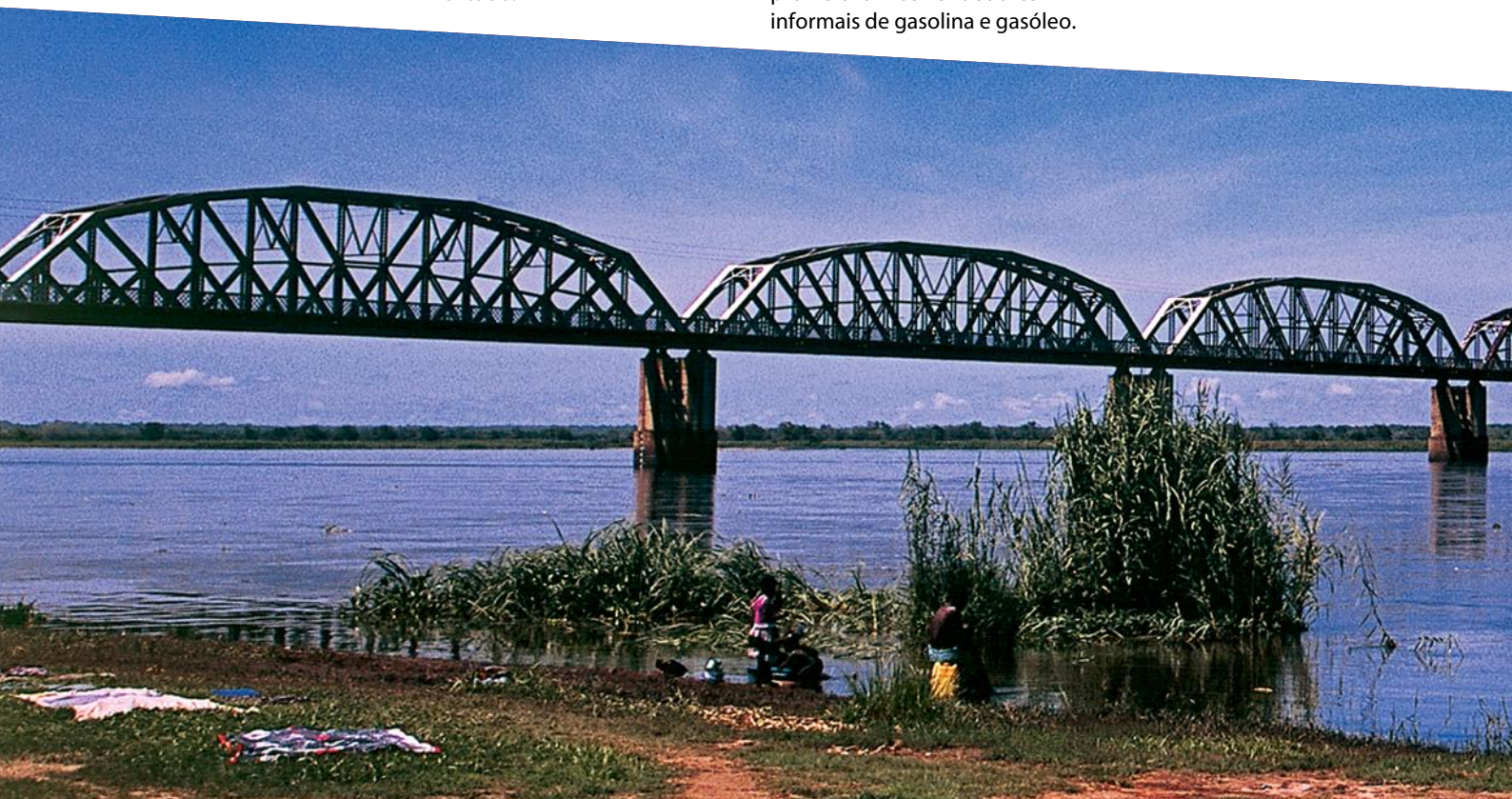
Pegue o leitor na esposa, deixe os filhos com a sogra e parta à “descoberta” de Moçambique. É o meu alvitre. Encontrará

combustível para o seu veículo dentro da autonomia do depósito e disporá de apetecíveis restaurantes e dignos locais para repousar. Por incrível que pareça, as dificuldades com reabastecimento só surgiram no Inchope, logo no cruzamento das duas mais importantes estradas do país, a EN1, que liga o sul ao norte, e a EN6, que sai da Beira para o Zimbabué. A moderna estação de serviço da BP ainda não tinha sido inaugurada mas proliferavam os vendedores informais de gasolina e gasóleo.

Surpresas da viagem revelaram-se nos encontros inesperados com amigos. Por alturas de Mocuba cruzámos com o casal Pignatelli, Sónia e António, que faziam o regresso de Pemba, e na Ilha encontrámos Daizi e Nuno Soeiro (filho do jornalista moçambicano Cartaxana) que numa viagem de 29 dias “descobriam” o país. “Nós moramos num paraíso e não sabemos disso”, comentou Daizi, extasiada, quando nos viu.

O sonho foi realizado. Duplamente. Atravessei o Zambeze de ferry em Caia, e, maravilha das maravilhas, cruzei o Grande Rio pela ponte ferroviária de Sena que durante os anos duros esteve convertida em rodoviária para permitir a ligação ao Norte. Uma moderna “Dresine” fez-me reviver os tempos de tropa em Angola numa companhia de caminhos-de-ferro!

Ah, o Znen?! Sim, portou-se impecavelmente. Sem avarias, sequer furos, cumpriu 6.500km em três semanas!



Having crossed thousands of kilometres in Mozambique over the last fifteen years driving on *picadas* and good and bad paved roads, one of my dreams remained unfulfilled: to cross the Zambezi without going over the Tete Bridge or, obviously, by airplane.

An invitation to attend important Hindu festivities on the Island of Mozambique (Índice issue no. 47) was the watchword. And why not travel from Maputo to the Island in my private car, my Znen SUV? My mind was made up.

Aware that the journey would be a ride and not an adventure, on Christmas morning I asked my companion Isabel, "And if we went to the Island of Mozambique by car?" Twenty-four hours later, on December 26, the Znen was on its way. Days before, Autovisa had performed a checkup on the ten thousand kilometres and the car was thus ready to "weigh the anchor". No ice-boxes, petrol jerrycans or food supplies. Unlike a weekend at Namaacha, I had only

one larger bag for changing clothes. We had a set itinerary and calendar: drive along the EN1 to Monapo (50 km from



the Island), exit the EN1 at Nicoadala to spend New Year's Eve with friends in Quelimane (at 120 km) and arrive at the Island of Mozambique on time for the homages to Lord Shiva that would begin on January 8. No road books to think about either. I would let the Znen run at the mercy of furtive glances at the map, gather information on where to refuel and where to spend the night in suitable hotels. That was all.

So, readers, take your spouse, leave the kids with their grandmother and embark on a "discovery" of Mozambique. This

is my suggestion. You will find fuel for your vehicle within the limits of your tank's capacity, as well as appetising restaurants and excellent places to rest. As incredible as it may sound, refuelling becomes difficult only in Inchope, at the crossroads between the country's two most important roads, the EN1 that links the South with the North, and the EN6 that leads from Beira to Zimbabwe. The modern BP gas station was still not

opened, but unofficial sellers of petrol and diesel fuel abound.

Surprises in the course of the journey appear in the form of unexpected encounters with friends. In Mocuba, we met the Pignatelli couple, Sónia and António, who were on their way back from Pemba, and on the Island we met Daizi and Nuno Soeiro, the son of Mozambican journalist Cartaxana, who were "discovering" the country on a journey of 29 days. "We are living in paradise without knowing it", Daizi commented ecstatically when she saw us.

The dream was fulfilled. Twice. I crossed the Zambezi in a ferry at Caia, and, what do you know, I crossed the Grand River over the railway bridge of Sena, which was turned into a motorway bridge during hard times to create a link with the North. A modern "Draisine" made me relive my time in the army in Angola in a railway company! Ah, the Znen?! Yes, it behaved impeccably. Without breakdowns, not even punctures, it crossed 6,500 km in three weeks!

